

A Capital Nacional da Moda Tricô

Monte Sião é um município que fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pela estimativa do IBGE em 2022, conta com 24 089 habitantes. Sua área é de 292 km² e a altitude é de 850m. Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte Sião.

FUNDADOR: Dr. Antonio Marcello da Silva - 15/01/1958

Fevereiro de 2026 - Nº 644

Diretores - Antonio Marcello da Silva (1931 - 2025) - Pascoal Andreta (1915 - 1982) - Ugo Labegalini (1931 - 2012) - Ivan Mariano Silva (1935 - 2020) - Alessandra Mariano (1969 -).

CARNAVAL DE REIS

MATHEUS ZUCATO

Acho que não pulo mais carnaval, e a culpa é toda das festas deste ano. No começo do mês, vi um anúncio-convite impresso em papel colorido coral, bem trabalhado, na portaria de meu prédio, de um carnaval com programação inesquecível numa cidadezinha chamada Sete Quedas, no sul de Minas Gerais, próximo à divisa com o estado do Rio. Dizia que a comemoração era fechada e acontecia nas margens do Ribeirão das Almas, tradição do lugar. Pousada e alimentação inclusos no convite. Pagamento após as festividades. Resolvi tentar, por não ter nenhum bloquinho em vista neste ano.

Cheguei na quinta-feira. Após me estabelecer na pousada, também a beira-rio, as atividades aparentemente começariam, visto que anoitecia. Uma espécie de pré-carnaval exclusivo atrás de belos muros marmorizados, cujo ingresso se tratava de mostrar na entrada o convite impresso e vestir em público, o tempo todo, uma máscara já depositada nos aposentos de cada convidado. Tomei banho e fui. Todos os convidados se encontraram no local do carnaval, no horário do convite, e foi anunciado por uma senhora de idade (tam-

bém mascarada) o quanto privilegiados éramos de ter sido convidados para tal evento discreto, reservado para poucos. Ficamos por um longo tempo ouvindo como éramos distintos do restante, como nosso valor era realçado devido à nossa presença em semelhante evento, como iluminávamos o mundo com nossa existência etc. Não me lembro muito do resto da noite, se comemos, se bebemos, sequer se conversamos entre nós, mas me lembro de como saí de lá com o ego tão elevado que mal podia entrar no meu quarto para dormir.

Levantei-me ao meio-dia, vesti a máscara e desci para almoçar, mas para meu espanto a pousada tinha um aviso na recepção de que toda alimentação deveria ser feita no local das comemorações. Lá, todos os outros convidados me esperavam, e assim que sentei deu-se início à luxuosa refeição. Para a decepção geral dos convidados famintos, o banquete parecia se resumir a várias frutas, mas ao experimentarmos as primeiras, percebemos que cada uma tinha um sabor diferente. Uma maçã trazia na língua o delicioso gosto de um frango assado; um abacaxi cortado era confundido facilmente com

presunto espanhol; as uvas tinham sabor de torresmo. Comemos até a dor, até o suor. Uns passaram mal e correram para a beira do córrego a pôr para fora o que já não cabia no estômago. Nosso maior espanto, no entanto, foi a tinta que a fruta deixava nas mãos, na boca, na língua, de forma que parecíamos vestir máscaras de palhaços pintadas ao redor do espaço vazio da boca. Os que precisaram vomitar, gargalhavam sem motivos, enquanto os outros dançavam descompassados, girando e girando até precisarem correr para a beira do rio seco. Gargalhamos todos até a noite, até a exaustão.

No dia seguinte, sábado de carnaval, mal pudemos nos levantar. Saímos dos quartos já no meio da tarde, cada um vestindo a sua máscara, e fomos carregados por capangas fantasiados de servos babilônicos. Não havia mesas nem cadeiras na beira do rio, não havia banquete nem música. Nos jogaram nus no local. Nos pratos no chão as pessoas famintas como cães comiam jambus da Amazônia, pimentas da Índia, cactos do Chile e cogumelos do Zimbábue. O mundo parecia haver virado de cabeça para baixo. Cada um foi tomado pelos bafos quen-

tes da luxúria. A ordem e o pudor desapareceram. Mal posso explicar o que se decorreu daí, mas talvez faça jus dizer que fizemos inveja às festinhas do tal imperador Nero, que inclusive devia estar a orquestrar cada movimento nosso, sentado na outra margem do rio seco.

O sol revelou nossos corpos jogados na grama no quente domingo. Os funcionários vestidos de babilônicos nos banharam com as mais raras iguarias cosméticas. Um deles esfregou em meu peito uma pedra rosa que soltava incriveis cristais brilhantes. Outra pessoa próxima a mim foi posta sobre um elefante branco com tapetes persas dos mais belos a cobrirem-lhe as costas. Uma mulher vestia uma armadura de ouro, e outra teve colocadas nos cabelos, sobre a máscara, penas de dodô e arara-azul-pequena, espécies de aves que até então acreditávamos extintas. A cada um de nós foi dado um espelho, e passamos o dia assim, sob o sol, ostentando o seu apetrecho raro e maravilhando-se no reflexo próprio até desmaiar de exaustão.

Na segunda-feira, despertamos muito incomodados. Uns desejaram partir, mas quando a anfitriã perguntou para onde queriam

ir, eles não conseguiam se lembrar. Ela os tentava ajudar, perguntando-lhes os seus nomes, onde nasceram, sobre os seus familiares ou mesmo onde estavam hospedados, e eles não sabiam. Nós, os que ainda lembrávamos, tememos que o mesmo ocorresse conosco, então não declaramos a vontade de ir. E aí deu-se terrível discussão generalizada, pois os que já esqueceram invejavam as nossas identidades e queriam roubar para si as nossas memórias. Para eles, doía demais vagarem num vazio. Queriam que lhes déssemos nossa infância, nosso primeiro amor, nossas tristezas, pois eles já não as tinham mais. Então nos pusemos todos num estado de torpor extremo até o fim da noite silenciosa.

A música nos acordou antes ainda do sol da terça-feira, e nenhum de nós pôde levantar do chão durante todo o dia, sem energia que nos movesse de nós mesmos. A música tocava muito alta, o solo tremia com o som. A fome era tamanha que comemos o gramado ao redor de nossos corpos, ainda que a mesa estivesse posta a alguns metros de nós. Fizemos nossas necessidades deitados, bebemos das poças de bebidas derramadas daqui e dali. Neste ponto, mesmo se quiséssemos e

podéssemos ir embora, não conseguiríamos. Quando as nuvens se foram, jaziam nossos corpos largados sob o sol escaldante. Assim ficamos até o anoitecer, quando dormimos ou desmaiamos, já não sei.

Na aurora da quarta-feira despertamos cheios de energia e, irados, tentamos sem sucesso arrancar nossas máscaras e acabar com o evento. Os que haviam esquecido de si choravam de alegria e raiva porque se lembraram de quem eram. Cada um levantou jurando vingança, processo judicial, perseguição e morte aos organizadores do evento. Os portões estavam escancarados. A pousada onde nos hospedamos estava abandonada. Caminhamos taticurnos, derrotados, até nossos carros, e cada um seguiu o seu rumo.

Hoje é quinta-feira. Recuperado, perguntei na portaria de meu prédio pelo nome de quem deixou há alguns dias um anúncio-convite de carnaval sobre o balcão da entrada, mas ambos os porteiros me olharam com ar de estranhamento. O síndico está viajando, portanto não deve saber de nada. Não há câmeras nem registros quaisquer do responsável pelo convite maligno. Ê, acho que não pulo mais carnaval.

O DEDÃO DO PEDRO E A BOLA DE BOCHA

E quando aquela pedrona envolta em jornal
O dedão do pé do Capitani virou de fato um dedão
Indolente machucado inflamado infernal
Mas ele continuando a cuidar no chiqueirão

Os dias foram passando e ele com aquele dedão
Que não sarava nem com reza brava
E coitado sem poder usar um sapatão
Dia a dia o danado do dedão só piorava

Mas italiano é da pá virada
Não desprezava estar num jogo de bocha
E não é que o sapecado do Luizão quis dar
[uma bolada
Naquele dedão que parecia até mesmo
[uma bolacha

Vai daqui vai dali o Luizão só ameaçava
E o dedão do Pedro estava apreensivo
E de novo a ameaça continuava
E coitado do dedão continuar vivo

Mas como tudo neste mundo tem sua hora
Não é que o Luizão sapeca a bolona no dedão
O Pedro gemeu gritou ais e foi aquela desforra
E tudo o que estava preso foi uma jorração

O pé inchou ainda mais sem unha e pobre
[o coitado
Do Pedro querendo matar o Luizão
Este que deu no pé sumindo amedrontado
Pois de fato acertara do Pedro o seu dedão

E qual não foi certo o dia que o Luizão foi encontrado
Tremendo nas bases pelo ataque do Pedro e seu dedão
Mas depois de umas boas prosas foram abraçados
Tudo por causa daquela bolada da salvação

E quem diria quem nem podia usar um sapatão
Com aquela bolada seu dedão sarou
E os dois continuaram amigos por causa do dedão
Que a forte bolada no dedão tudo expulsou

(Lendo a crônica do Paschoal Andreta, publicada no jornal Monte Sião, na edição 635, maio de 2025, que o articulista soube muito bem descrever um simples fato em se tratando de um chute numa pedra camuflada em jornal)

Arlindo Bellini

CRÔNICAS DA MINHA GENTE O DOENTINHO

IVAN

Quando eu passo, lá está ele sentado em seu balanço macilento os olhos imóveis, a respiração difícil, os pés raspando o chão. Penso estar ele, embora ainda menino, exausto do seu restrito mundo, e impulsiona o balanço dia e noite afora, querendo apressar o fim.

Alguém de dentro da tapera chama. Ele não se mexe, os olhos perscrutando a solidão contígua, as mãos só de ossos segurando as cordas como se fossem sua única ligação com o mundo. As pernas, no vaivém do balanço, fustigam as pernas. Amargurado, questiono-me: por que ele e não eu? Mas o doentinho

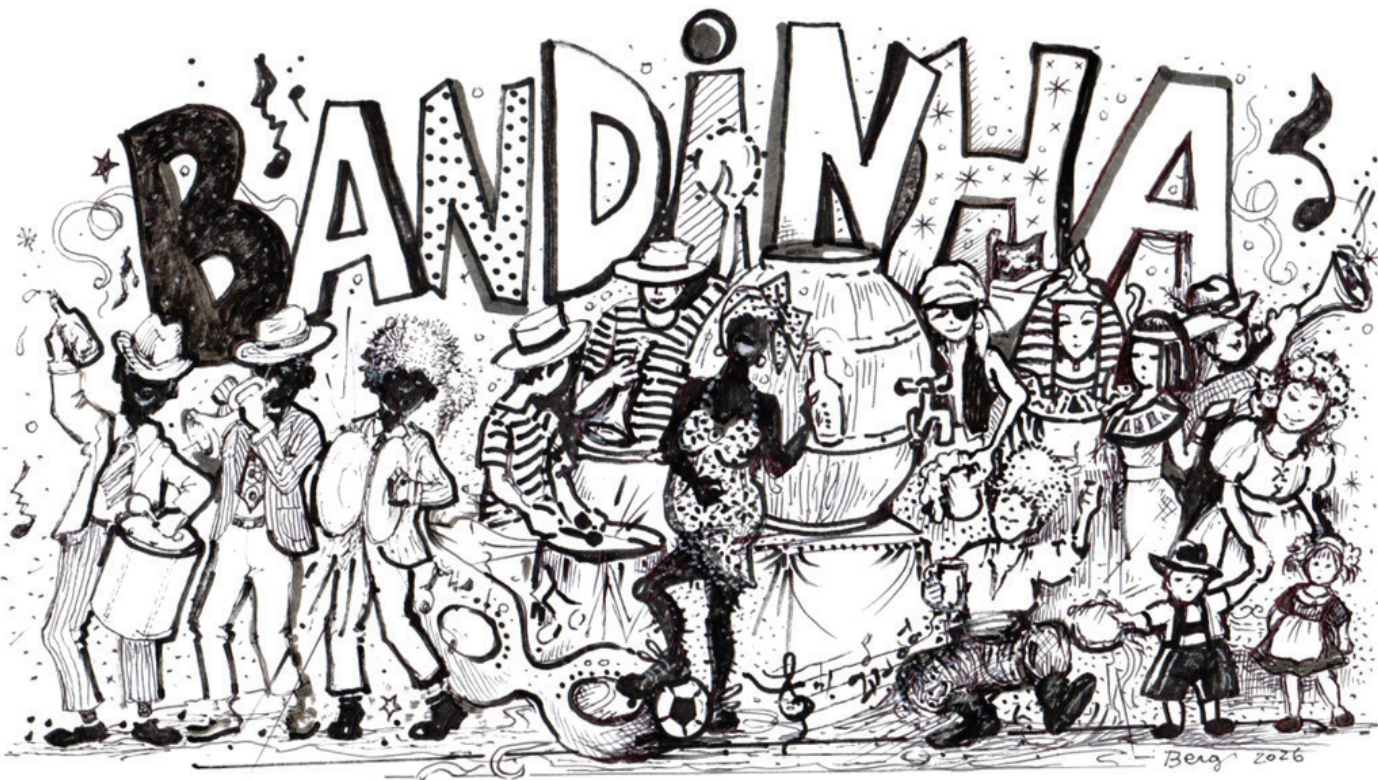
nho não me vê, nunca me vê, mesmo estando eu ali, parado, a olhá-lo.

Talvez esteja nessa cegueira proposital a felicidade, a felicidade de não pertencer e nem estar, só mesmo no balanço.

“Vem”, repetem de dentro. Fechado em sua visão cega, não responde. Apenas o chiado dos seus pés denuncia vida. Eu sigo a cismar, “Quem

sabe a liberdade estaria ali. Não seria o doentinho o único liberto de tudo?”. Dá-me, então, uma vontade quase irrefreável de roubar-lhe o balanço.

Crônicas da Minha Gente – seleção de crônicas de Ivan Mariano Silva, colaborador incansável deste jornal, um dos idealizadores e fundadores do Museu Histórico e Geográfico de Monte Sião e da FCPA, que nos deixou em Agosto/2020.



OS BOTECOS E SEUS GESTOS!

ARIOVALDO GUIRELI

‘Que se dane o mundo não me chamo Raimundo. Que se lasque o resto não me chamo Ernesto. Eu sou Miguel e quero ir pro céu!’ Depois, olhava para o nada do horizonte e estalava os beijos do copinho antes cheio de pura cachaça. Esfregava as mãos e rumava porta fora cantarolando:- “ Se você não me queria não devia me procurar...”

Estas e outras histórias podem ser encontradas em cada boteco do país. Que sempre renova as palavras, os hábitos e lançam culturas populares desde comidas até músicas. Um outro mundo possí-

vel. Muitas vezes ou quase sempre odiado.

Em um ponto fixo na mesma fotografia que passa anos e se reconhece nas pessoas e seus vícios. Dito Pelota, um filósofo livre, que é frequente no bar do Zuza, trava entretanto exatamente sobre vícios. Que ele não sustenta a palavra no original de sua manifestação: vício não é falta de qualidade, mas é respeito pelo que se gosta de fazer. E vive ritualisticamente no mesmo paladar.

Salta de uma corda bamba e se equilibra diariamente feliz na mesma cadeira e um prego na parede para se colocar o chapéu. Não se admite outra

cerveja senão aquela de sua preferência e marca.

Uma revolução e várias semânticas são despertadas como se estivesse diante de um rústico altar de santos. Todos os frequentes se conhecem e se reconhecem nas diferenças.

A autonomia é antropológicamente assistida em ritos e despedidas. Projetamos sobre os boteecos o nosso imaginário, sempre ilimitado, sempre quase infinito em sua vocação de criar. Os múltiplos e diversos fios do tecido sempre inacabados. Entre as pessoas e os aromas se estabelecem um elo, pois fazem sempre as mesmas coisas do mesmo modo,

como uma extensão natural de suas biografias.

Somos seres criadores de diferentes culturas e de tantos modos de vida culturais porque aprendemos a saltar do sinal ao signo e deles para o símbolo.

Lá está a cachaça tal, a cerveja etc., o vinho tinto seco, a carne de panela, a costela no bafo, o pastel de carne com queijo, a palavra enrolada, o choro do lar que se transformou em bar, a preguiça instalada, o som do violão e o dia renascendo no outro olhar. Até que Dito Pelota lá de dentro, o último a sair, decreta alto e em bom som:- “Neste país, madame, o boteco é o único lugar honesto”.



NELSINHO DORTA

L. A. GENGHINI

Conheço desde sempre o amigo Nelsinho Dorta. Desde os tempos do Rodeio do Rico Genghini, onde ele era um dos peões ou ginetes, e não escolhia montaria. Podia ser um potro redomão ou um touro erado... lá em cima do dorso do animal vinha o Nelsinho, firme, galante, equilibrado, enquanto nós o aplaudíamos.

Era moço, de compleição mediana, ostentava o chapéu de aba larga no estilo cowboy, parecendo Audie Murphy, um ator que fazia muito sucesso na época, em bons filmes de faroeste. O ator veio a falecer em acidente de avião em 28 de maio de 1971, aos 46 anos de idade, sendo que ainda é possível acessar e assistir aos seus filmes pelo canal Youtube.

E o Nelsinho? O Nelsinho sobreviveu a centenas de rodeios, vaquejadas, transporte de boiada em comitiva, na moda tradicional, por terra, no melhor estilo das modas de viola que tão bem documentaram essa fase do Brasil.

Em paralelo à sua vida, o Nelsinho nunca dispensou o convívio com os amigos e sempre

que havia uma roda de violeiros, lá estava ele, cerimonioso, respeitoso, prestando atenção como se estivesse ouvindo a moda pela primeira vez.

Naqueles anos, nas décadas dos 60, 70, 80, meu tio João Genghini e meu pai, Sebastião, cantavam, e muito bem, todo o repertório de Tonico e Tinoco, Zico e Zeca e alguns outros sucessos “raiz” de Liu e Leu, Zé Fortuna e Pitangueira, Pedro Bento e Zé da Estrada, tendo o Nelsinho como participante assíduo em todas as funções de violeiros.

O tempo passou, os caminhões substituíram as comitivas de boiadeiros, a cidade de Monte Sião entrou na fase de Indústria da Malharia, e, o Nelsinho, resiliente que é, se reinventou e passou a transportar malhas desde Monte Sião a São Paulo, fazendo até duas viagens por dia. Porém, nunca abandonou o chapéu de boiadeiro, nem perdeu o gosto pelas músicas “raiz”.

Há alguns anos, a saúde de meu pai começou a decair e, depois de um longo período de convalescença, veio a falecer, deixando-nos ao som de “Tristeza do Jeca”. Du-

rante a convalescença de meu pai, o Nelsinho esteve presente o tempo todo, disponibilizando-se para transporte, quando necessário, mas principalmente fazendo companhia. No fatídico dia em que nosso pai de despediu, lá estava o Nelsinho Dorta, amigo, fiel e carinhoso, cuidadoso, fazendo-lhe o seu último barbear. Um amigo desses é pedra noventa!

Dia desses, zapeando meu celular, vi que estão organizando a 39ª Festa do Peão de Monte Sião 2026, que ocorrerá nos dias 26 a 28 de março, e com alegria vi e ouvi o prefeito Dr. Juninho Zucato prolatando a fala de lançamento do evento e homenageando aquele que simboliza e representa os peões montesionenses, o nosso amigo, Nelsinho Dorta. Muito bem merecido!

Pela sua trajetória, pelos seus feitos, pela sua conduta e pela eterna camaradagem, o Nelsinho Dorta é nosso Patrimônio Cultural.

Que Deus o abençoe sempre e lhe dê vida longa e prazerosa. Saudações, meu amigo!

Até qualquer hora, pessoal!

LEONARDO LABEGALINI

Em um lugar não muito distante, existia um sítio que chamava atenção por um motivo especial. Não era o tamanho da casa, nem o brilho do lago, nem a imponência do celeiro. O que encantava quem passava por ali era o jardim.

Ele era diferente, não tinha grades, não tinha redes, nem cercas altas. Era um jardim aberto, livre, como se dissesse ao mundo: “pode olhar, pode entrar”.

E mesmo assim, ele permanecia intacto.

Ali existiam plantas de várias espécies. Algumas comuns, outras raras, difíceis de encontrar naquela região. Flores delicadas, árvores frutíferas, gramado verde, ervas e plantas que pareciam precisar de cuidados especiais. Era como se tudo ali tivesse encontrado um jeito de conviver em harmonia.

Certo dia, o Líder Inspirador e Téó, caminhavam juntos por entre os canteiros, ao redor do sítio. O sol estava suave e o vento trazia o cheiro fresco da terra. Téó observava

cada detalhe em silêncio, até que não conseguiu mais segurar a curiosidade.

Olhou para o Líder Inspirador e perguntou: — O que será que o caseiro faz para manter vivas todas essas plantas? E por que, mesmo sendo um jardim aberto, elas não desaparecem com o tempo?

O Líder sorriu, satisfeito com a pergunta. Respirou fundo e respondeu: — Sabe Téó, o segredo está em não se concentrar em cuidar bem apenas de uma espécie de planta... por mais que às vezes ela exija mais atenção.

Téó franziu a testa, sem entender completamente.

Então o Líder apontou para o jardim e continuou: — É importante sempre estar regando e adubando um pouquinho cada uma delas: as flores, a grama, as árvores, as frutas. E também é essencial manter água limpa à disposição.

Téó olhou ao redor e percebeu algo simples, mas profundo: naquele jardim, nada era ignorado. Até as plantas pequenas, escondidas entre pedras, pareciam

receber cuidado.

O Líder então completou: — É inevitável que, em alguns momentos, você precise se dedicar mais a uma delas. Todas têm ciclos. Algumas florescem rápido, outras demoram. Algumas precisam de sol, outras de sombra. Mas o segredo é enxergar todas, independentemente do tamanho ou da beleza, e dar a cada uma o suficiente para continuar crescendo.

Téó ficou quieto. Mas era um silêncio cheio de pensamento.

Depois de alguns segundos, ele perguntou: — Então o jardim não fica bonito porque o caseiro cuida só das plantas mais bonitas... mas porque ele cuida de tudo?

O Líder sorriu, satisfeito: — Exatamente. Um jardim não morre de uma vez. Ele morre aos poucos... quando a gente começa a cuidar apenas do que chama atenção e esquece do resto.

Eles caminharam mais alguns passos. O Líder então parou ao lado de uma árvore carregada de frutos e disse: — Isso não é apenas sobre jardim Téó.

EM VOZ BAIXA – O QUE DURA

JAIME GOTTARDELLO

Há um momento em que se aprende que o excesso de voz não é força, é cansaço. Gritar costuma ser a tentativa final de quem já não sabe como permanecer. O grito exige resposta imediata, impõe urgência, cria

vencedores e vencidos. Ele quer prova. O sussurro, não. O sussurro nasce quando já não é preciso convencer. Ele existe porque há escuta, ou porque se confia que ela virá. É uma forma de dizer estou aqui sem disputar espaço.

A vida atravessa da pelo tempo ensina

isso lentamente. No começo, tudo é barulho: opiniões, certezas, rupturas, declarações. Vive-se como se cada instante precisasse ser afirmado em voz alta, como se o silêncio fosse sempre uma ameaça. Só depois se percebe que o ruído constante também desgasta.

Com o tempo, aprende-se a medir as palavras não pelo impacto, mas pela necessidade. Algumas coisas não pedem resposta, pedem intervalo. Outras não exigem defesa, apenas sustentação. O sussurro surge como escolha, não como recuo — uma forma

mais precisa de ocupar o espaço.

Não é sobre amor, nem sobre relações específicas. É sobre coexistir com o mundo sem se romper a cada atrito. Sobre entender que permanecer não é insistir, mas ajustar-se sem se perder. Há uma ma-

turidade silenciosa em saber quando não elevar a voz.

No fim, resta uma compreensão simples e exigente: gritos querem vencer o instante. Sussurros apostam no tempo. E quase sempre, é o tempo que vence.

Sussurros duram mais que gritos...

Fone:
(35) 3465 2772

Rua Jair Zucato, 136
- Centro (Prainha)

Monte Sião - MG
CEP 37580-000

Ernesto A. G. Bacellar
Engº Mecânico Automobilístico

Pães e Massas Especiais
Panetones e Congelados

Rua J.K. de Oliveira, 1.170
Fone 3465-1368
Monte Sião - MG

ACEITAMOS ENCOMENDAS

Programe sua festa - nós temos o local!

RESTAURANTE

DA LICINHA

Espaço para 250 pessoas

Km 6 da Rod. M.Sião - O.Fino -(35)3465 1355 – 9 9114 9447

SOBRE COMIDAS E REMÉDIOS

JOSÉ ANTONIO ZECHIN

Converso com um velho amigo. Já temos certa idade. Pessoas mais velhas costumam falar de doenças. Porque, inevitavelmente, alguma chega quando a gente cruza o Cabo da Boa Esperança. Nosso papo gira em torno de um vídeo que ambos assistimos, sobre alimentação e medicamentos. Em suma, sobre os produtos atuais das indústrias alimentícias e farmacêuticas. Como ganham dinheiro vendendo ilusões. Acompanhe a conversa.

— É sério esse negócio de óleos vegetais,

milho, girassol, que são melhores para a saúde?

— Cara, nem sei o que dizer. Só sei que em casa só se usava banha. Naqueles tempos ninguém falava em colesterol, triglicérides, essas coisas...

— Pois é, pressão quem media era uma vez por ano, e olha lá...

— Na época quase ninguém andava de automóvel, não existia estresse...

— O consumismo era mínimo...

— E o celular era a calçada da rua...

— As crianças brincavam de verdade!

— As pessoas não morriam? Claro que morriam... De diabe-

tes, sem saber o que era isso...

— Qual a diferença?... Muitos morreram de covid sem saber o que era.

— Eu acho que antigamente as pessoas morriam mais felizes!...

— Em casa é um arsenal de remédios... remédio pra tudo... Há uns 50 anos só tinha Eno, Melhoral e mer-tiolate...

— Fiz um exame outro dia... Deu índice alto. Tomei remédio. Melhorou um pouco. Perguntei ao médico se podia parar... Ele disse que não, tinha que continuar...

— Eu também tomava uns remédios que

nem sei se faziam mais efeito... Parei por conta mesmo.

— Você é louco, não pode fazer isso...

— Bem, eu continuo vivo... por enquanto! Um dia vou morrer mesmo!

—Sinceramente, para ter uma vida longa é preciso ter um pouco de sorte... Não abusar em muitos alimentos e bebidas... Manter-se magro... Dormir bem... Ter paz... Não querer ter mais que o necessário... Enfim...

— Pois é, pode ser meio sem graça... Mas a gente vai morrer com saúde!

— Você sabe onde vende banha de porco?...

DITO PEREIRA

Dizia:
alimento o mundo
com poesias

de pão
fazia orações
de cachaça
se benzia

e gritava na praça
versos ao amor
que não tinha

Dito poeta morreu
numa calçada
de chuva farta
e fria

e a enxurrada
lhe levou
tudo que não havia

kuaia

BAÚ DO ZOTE

Neste espaço o JMS
publicará, todo mês,
historias e causos
de Monte Sião e seus cidadãos.

“NOSSA BANDINHA”

JOÃO GIBÃO

(ILSON JOÃO MARIANO SILVA)

Por volta de 1958, quando em Monte Sião ainda não existia o atual clube da AAM, as festas, baile, carnaval, eram realizados no Clube Velho que se localizava na Rua Juscelino Kubistchek, logo abaixo da casa do Luiz do Zé Rosa, quase em frente à máquina de beneficiar arroz do Mariano e a parte alta do campo de futebol. Nessa mesma época, a única companhia de ônibus que passava pela cidade, era o Expresso Brasil que com seus ônibus verdes e com um cachorro em disparada pintado em um de seus lados , fazia a linha de Ouro Fino a São Paulo, passando por Monte Sião, fazendo o ponto no Bar do Choque, localizado na Praça Mário Zucato. Por volta dessa época, quando chegava o carnaval. o Clodomiro Fabri - moço ainda - , não suportando a quietude, mansidão da cidade, colocava seu gorro de pêlo de raposa, reunia os amigos , juntavam os instrumentos velhos da banda velha, enchiam bem os cornos com produtos etílicos e saíam pelas ruas soprando os instrumentos que não sabiam tocar e dirigiam-se ao Bar do Choque para esperar o Expresso Brasil que estaria indo ou vindo de São Paulo. Chegado o ônibus, Clodomiro perfilava a patota e distribuía as partituras, anunciando a peça que seria apresentada: Moto Perpétuo de Paganini! Quando iniciava-se o concerto, era aquele despautério! Era o caos acompanhado das risadas dos viajantes e do pessoal que ali estava para presenciar a farra. E assim foi indo... indo até que o tempo se incum-

biu de desanimar o pessoal da Banda do Clodo, e ela foi sumindo ... sumindo até se acabar de vez. Como tal bloco havia sido muito simpático e divertido, por volta de 1967, uma outra geração mais jovem resolveu revivê-lo, e então o novo bloco passou a chamar-se simplesmente Bandinha, embora outros nomes tenham sido sugeridos, por maioria absoluta, venceu a simplicidade e o nome do bloco ficou Bandinha mesmo. Então, em 1967 saiu pela primeira vez o bloco da Bandinha que fantasiada de “malandro do Rio de Janeiro”! E com chapeuzinho de palha estilo Nat King Cole iniciou a nova fase, tendo como componentes o Edson Monteiro, Toninho da Nildes, Airton Zucato, Carlão da Ponina, Adauto, Zé Carlos Guarini, Álvaro. Ilson,Luizinho Pennachi e Zé Antonio Andreta. Já nesse ano, no domingo de carnaval , realizou-se o jogo de futebol, com os componentes da Bandinha todos vestidos com terno e gravata, o esquadrão era formado por Eraldo, Zé Edgar Guireli, Zé Lino, Armando Zucato, Toninho Guarini, Zé Carlos Francisco, Humbertinho Andreta, Luizinho do Bié, Éca, Kuia, Luiz Araújo e Raimundinho. O costume de se fazer jogo de futebol com os jogadores vestidos de terno e gravata ou vestidos de mulher permaneceu enquanto a Bandinha existiu; A partir de 1968, juntou-se ao bloco já existente e para reforçar o time de futebol, o João Gordo, Edmilson, Toninho Snake, Buick, Eraldo e Humbertinho Monteiro, Corão, Roque Guarini, Juquinha e Cola. Mais ou menos por esse tempo foram introduzidas duas modificações

na Bandinha; a primeira delas nascida da necessidade de ser poder beber sem gastar o dinheiro que não se tinha, e assim, a cada dia de carnaval se escolhia uma casa a ser visitada onde se era recebido com comes e bebes e a festa era abrilhantada pelas músicas da Bandinha, onde cada instrumentista não sabia nem mesmo assoprar o instrumento, mas era apresentado o “Moto Perpétuo” do Paganini e a bela composição denominada de “Tempestade na Fazenda” onde o pratista fazia sua participação fazendo soar o prato na maior altura possível para imitar o raio da tempestade e o baixista fazia o barulho do urro do boi morrendo de medo da tempestade anunciada.Há que se dizer que NUNCA a pessoa escolhida para ser visitada na noite do carnaval, deixou de receber a Bandinha e toda aquela parafernália; o bloco sempre foi muito bem recebido e sempre agradeceu a acolhida; mas vale lembrar com mais um muito obrigado pela fineza que fez muito feliz ao pessoal agraciado; assim, obrigado Pascoal Andreta/Adolfinho Mantovani, Rubens Zucato , João Português, Jair Comune, Corão, Zé Carlos Guarini, Mário Monteiro, Totonho, Toddy, Toninho do Peri, Flívio Monteiro, Jacó Pennachi. Uma outra inovação introduzida à Bandinha foi a produção das músicas próprias, umas completamente inéditas e em outras foi colocada letra pois a música já era muito conhecida mas ninguém sabia a letra de cor; e assim foi no ano em que a Bandinha saiu de cossacos, a música Barril de Chope teve sua letra adaptada para o bloco:- Quem não brinca/não se esquece / do que tem pra

se esquecer/quando brinca vira outro/sai cantando sem querer/muda a cara/dá risadas/só precisa começar/prá depois, o ano inteiro/ter assunto pra contar./ Quando o surdo começar bater/dê uns pulos mesmo sem querer/mas não se esqueça de cantar/para a tristeza espantar/seja firme, nada de parar/que a Bandinha logo vai chegar/mas se não der/tome um pião/segure aqui na minha mão/trá lá lá lá lá lá lá lá lá lá/se a bandinha chega/a alegria é geral/ vamos minha nêga/vamos brincar carnaval/nesses quatro dias/deixe de lado o tricô/e entre logo na folia/que o carnaval chegô ! Nesse ano a Bandinha estava fantasiada de cossacos e no carro alegórico foi colocado um enorme tonel e, com os canecos doados pela Cerâmica Monte Sião, distribuimos os canecos cheios de chope ao pessoal que assistia o desfile; foi mais ou menos por essa época que as mulheres - esposas, noivas, namoradas, paqueras

- passaram a fazer parte do bloco, embelezando-o, dando-lhe mais alegria, entusiasmo e palpites de nunca acabar.Numa outra época, o bloco homenageou o centenário da imigração; os componentes fantasiados de “oriundi” e as mulheres dando botões de rosas às descendentes de italiano que assistiam o desfile; a música deste ano foi o “massolin di Fiori” com a letra modificada: Questo massolin di fiori/que vem de la montana/a Bandinha oferece/à colônia italiana/tá fazendo cento anni/a primeira imigração/de família italiana/que chegou em Monte Sião/siamo tutti oriundi/oriundi de l'Italia/quando bebo molto vino/amanheço lá na talha/siamo tutti buona gente/di mangiare temos fama/quem não gosta da polenta e do macarrão da mamma?/siamo tutti oriundi e mantemos tradição/Bandinha é cosa nostra/cosa nostra é Monte Sião/quella nostra bella Italia inda mora in nostro core/nem que

faça cento anni não finita Il nostro amore!/lá ia lá ia lá ia lá ia lá ia! Em outros anos a Bandinha saiu ainda fantasiada de Egípcios, Tirolês, Bandeirantes, Piratas ... até que por volta de 1983, após dezesseis anos de existência e apresentação ininterrupta nos carnavais, os componentes foram arrefecendo os ânimos por terem outros afazeres na vida, e tal qual tudo neste mundo, tal como a Banda do Clodo, a Bandinha foi também se acabando; embora parte do bloco ainda exista e se reúna em festinhas, a Bandinha mesmo, só deixou saudades; também deixaram boas saudades nossos amigos de bloco que foram brincar carnaval em outras bandas cujo maestro é São Pedro e de instrumentos só existam as trombetas que os anjos tocam; dizem que os músicos tocam direitinho, o que não faz o gênero da Bandinha e portanto não é tão bom igual ao que já foi o querido bloco, sonho bom que um dia se chamou Bandinha!

No abraço do vício, toda ferroadada se torna doce prazer.

SUPERMERCADO SHIMODA

Onde seu dinheiro compra mais

Avenida Brasil, 205 - Fone 35 3465-1300
Rua Tancredo Neves, 300 - Fone 35 3465-1175
Monte Sião - Minas Gerais

Supermercado e Casa de Carnes

A melhor carne da região!

Pça. Renato Franco Bueno, 80 - Centro - Monte Sião - MG - Cep 37580-000
(35) 3465 1817 / 3465 2109

ALINHAMENTO E
BALANCEAMENTO DE RODAS,
ESCAPAMENTOS,
AMORTECEDORES, BATERIAS

RUA CELSO SEBASTIÃO SIMONETI, 38
(ANTIGO MATADOURO) 3465-5463

QUEXOTINHO, MEMÓRIA DE....

DURVAL
TAVARES

No título acima, cópia ipsis litteris tirada de manuscrito encontrado no famoso baú do Rey Quexoto, nota-se que ele esqueceu a expressão idiomática da língua portuguesa utilizada para pessoas que possuem uma boa memória, que não esquecem das coisas facilmente. Pelo visto, não era o caso do R.Q.. Continuou a escrever sem saber bem sobre o quê, nada muito diferente do que, às vezes, só às vezes, acontece com este que vos escreve por vezes, escreve sem ter a pachorra de ser um escritor. Isso é coisa para Zamuner, Zucato, Rieli, Guireli, Genghini, Valdo, Ivan e(me deu um branco, a memória falhou de novo, “sono smemorato”). Pelo que li, senti que R.Q.

pensava em falar da sua vida de estudante, mas, francamente, nem ele sabia se seguiria adiante. Digamos que era um estudante andante que mais andava do que estudava. Andava, pura força de expressão. Criança não anda, corre. Correr era o que mais fazia. Afinal, o futebol, a pelada como chamava o jogo com a rapaziada, com a bola de capotão, era sua prioridade. Também, em tão tenra idade, bem afastado da puberdade, a diversão, o prazer, era mesmo correr no terrão. Diversão que só aumentava quando do gol se aproximava e lá estava ele, frente a frente com o Goalkeeper, o famoso morrinho artilheiro, amado pelos artilheiros e odiado pelos goleiros. Bem, falávamos mesmo do quê? Vejam que tanto eu quanto o quexotinho nos esquecemos

de coisas tão simples, aparentemente banais e, sinceramente, não me envergonho disso. Aliás, tem situações que devem cair no esquecimento. O quexotinho, então, não sentia vergonha de nada. Esquecia quando o assunto não era do seu interesse. No entanto, jamais se esqueceu da nota atribuída pelo diretor da escola por sua redação feita com a intenção de caçar uma baita nota. Conseguiu: um baita e bem redondo zero. Coca Zero pode ser saudável. Nota Zero certamente não é. Na época foi tão bem caçado após ter caçado o tal zero (isso não era conhecido como bullying naqueles tempos), que não podia escrever mais nada sem tremer. Acredito que, de tanta tremedeira, seus miolos, em choque constante dentro de uma cabeça oca – até pa-

recia um jogador da NFL - tornaram sua memória fraca, nada parecida com a de um (esqueci também). A memória do menino só era boa quando tinha que reunir os amigos em brincadeiras, bem longe do rio Tamanduá, afinal, salvo uma vez, talvez não tivesse a mesma sorte de encontrar um coração de leão, o tal Ricardo. Engraçado, a gente mais se lembra das desgraças do que das situações boas da vida. Talvez não seja à toa que mágoas permaneçam por longo tempo, até por uma vida inteira. Mas voltamos à vaca fria e, falávamos de quê mesmo? Quantas vezes esquecemos o nome de alguém já conhecido? Ou de alguma ou outra coisa? A palavra coisa muitas vezes nos salva quando não nos lembramos de “alguma coisa”. Para descobrir

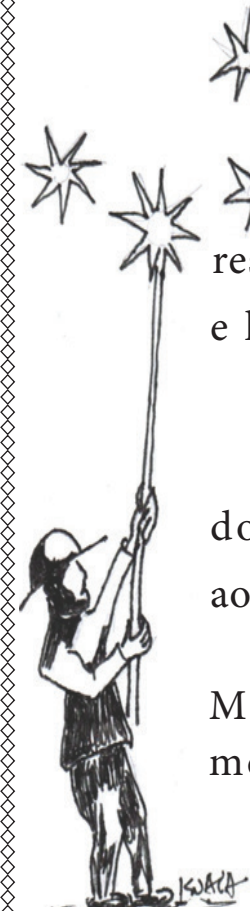
se é normal esse meu esquecimento, preocupado, recorri ao IA (ChatGPT) – inexistente nos tempos do R.Q. – e fui informado de que esquecer acontece com todo mundo, em qualquer idade e, alguns motivos são: muita informação ao mesmo tempo, estresse ou ansiedade, falta de sono, rotina corrida, desatenção no momento do evento. Também me foi respondido que esquecer não significa que você é desatento, menos inteligente ou que há algo de muito errado (Alívio!). Só vira um sinal de alerta se for muito frequente, se atrapalhar bastante o dia a dia ou vier acompanhado de outros sintomas – aí vale a pena conversar com um profissional. O que o IA trouxe de melhor foram dicas práticas: anotar/escrever no papel ou celular; associar a coisa a algo visual

ou engraçado; criar rotina e guardar sempre as coisas/objetos no mesmo lugar; fazer uma coisa por vez para não bagunçar a memória; dormir bem; comer regularmente e beber água; movimentar-se com frequência; inserir alarmes e lembretes no celular; fazer checklists antes de sair de casa; colocar post-its em lugares visíveis. Tantas as dicas que é melhor anotar, hein! E quando esquecemos o nome de alguém? Perguntar com elegância: Me lembra seu nome mesmo? Quero falar certinho. Sou péssimo com nomes, me ajuda aqui, ô coisa!

Bom, melhor parar aqui. O texto está ficando gigante, do tamanho de um elefante.

Buona salute del corpo e dela mente! Viva il Carnevale ... a Venezia!

MINHAS RUAS



ressuscitam meus rastros
e lembranças
do estilingue
ao voo das andorinhas
dos piões
ao pula-pula nas calçadas
Mergulham
meu medo pelado
nos tanques
da pedra e do afonso
e meu fascínio
pela cachoeirinha do lé

Levam-me ao cid
do zorro ao tarzan
e deixam-me encantar
pela lira são josé

Só espero o carmo
acender as luzes da cidade
pra dependurar
no varal da vida

meus sonhos e saudades

Popo de Sião

O SOM DO ABISMO: CHOPIN E DEBUSSY

DANILO ZUCATO
ROBERT

A filosofia existencialista, em suas múltiplas vertentes, debruça-se sobre um problema central: o absurdo da condição humana. Estamos vivos sem ter escolhido, e inexoravelmente iremos morrer. Albert Camus definiu o absurdo como o confronto entre o desejo humano por significado e o silêncio irracional do universo. Miguel de Unamuno chamou de “sentimento trágico da vida” a agonia entre a fome de imortalidade e a certeza racional da morte. Filósofos escreveram tratados, peças, contos e romances para tentar cercar essa angústia. No entanto, onde a linguagem verbal encontra seu limite lógico, a música responde com transcendência estética.

Ao analisarmos as trajetórias e obras de Frédéric Chopin e Claude Debussy, encontramos não apenas composições esteticamente agradáveis, mas respostas ou reflexões diante da finitude.

Frédéric Chopin viveu sob a “sombra da morte”. Com uma saúde perpetuamente frágil e exilado de uma pátria que deixara de existir

politicamente, Chopin encarna em algumas de suas músicas introspecção e a conflitos diante das escolhas e das incertezas. Chopin seria como se Kierkegaard compusesse no piano. As ‘Noturnas’ mais tardias de Chopin não são apenas peças românticas sobre a noite; são confissões de um “eu” angustiado. O conceito polonês de ‘Żal’ — uma mistura intraduzível de melancolia, raiva e nostalgia — permeia essas obras.

Ao compor, Chopin transforma a deterioração do seu corpo (a tuberculose) em uma elevação do espírito. É uma resposta existencial que valida a dor como prova de vida. Quando ouvimos a turbulência central de um Noturno, ouvimos o conceito de “Angst” (angústia) de Kierkegaard: a vertigem da liberdade e o medo do nada. Chopin respondia ao absurdo da morte como sabia fazer, usando a beleza como forma de tentar imortalizar a si mesmo, como diria o filósofo existencialista Miguel de Unamuno. Ele valida a existência através das criações: “Eu existo, eu sofro, eu crio”.

No século seguinte, Claude Debussy ofere-

ce uma resposta diametralmente oposta, alinhada com uma espécie de existencialismo que aceita e abraça o absurdo, próximo de Jean-Paul Sartre e Albert Camus. Diagnosticado com câncer no intestino em 1915, Debussy viu-se diante do abismo. Sua resposta, contudo, não foi como as lamentações de Chopin em suas Noturnas, mas a construção de uma beleza autônoma, impositiva, apesar da dor e da angústia do fim. Debussy fez o que Camus sugere no fim de seu livro: é preciso imaginar Sísifo feliz! Debussy, consumido pela doença, recusase a deixar que a feiura biológica contamine a pureza da sua arte. Em sua ‘Sonata para Violino e Piano (1917)’, última obra que completou antes de morrer, ele já estava extremamente debilitado, mal conseguia sair de casa, e o tratamento da época não havia resolvido suas dores constantes, mas nem por isso ele deixou de dizer sim à sua vida. Em uma carta ao amigo Robert Godet, Debussy escreveu sobre essa sonata com uma ironia trágica, dizendo que ela estava “cheia de uma alegria tumultuosa”. Ele tinha plena consciência do paradoxo:

um homem morrendo, escrevendo uma música cheia de vida. Ele não estava ignorando a dor, mas usando a música para desprezá-la.

Se para Chopin doente a música é o veículo de sua dor e angústia, para Debussy morimbundo a música é a “revolta” contra o absurdo e o desespero. Camus escreveu em ‘O Mito de Sísifo’ que não há destino que não se vença pelo desprezo. Debussy ‘despreza’ a morte ao compor obras de leveza etérea enquanto seu corpo desmoronava. Sua música final não é um pedido de socorro, é uma afirmação de ordem e beleza num mundo caótico. É um sim de Nietzsche, Sartre e Camus à vida, apesar das dores e incertezas. Ele cria uma “máscara” sonora perfeita, não por falsidade (má-fé), mas por dignidade.

Unamuno dizia que a razão é inimiga da vida, pois a razão diz que morreremos, mas a vida quer perseverar. Chopin e Debussy são as duas faces dessa perseverança. Ambos olharam para o abismo. Chopin decidiu narrar o que viu lá dentro; Debussy decidiu tocar melodias para cobrir o silêncio lá do fundo.



MECÂNICA NETOS car
nacionais e importados
nacionais e importados

Ernesto A. G. Bacellar
Engº Mecânico Automobilístico

Fone:
(35) 3465 2772

Rua Jair Zucato, 136
- Centro (Praíinha)

Monte Sião - MG
CEP 37580-000



dynamise
Farmácia de Manipulação e Produtos Naturais

 (35) 3465 2060  (35) 98815 2060

Rua Abílio Zucato | 274 | Monte Sião | MG

 dynamisemanipulação  Dynamise Farmácia de Manipulação  www.dynamisemanipulacao.com.br

Programe sua festa - nós temos o local!

RESTAURANTE
DA LICINHA

Espaço para 250 pessoas

Km 6 da Rod. M.SiãO - O.Fino -(35)3465 1355 – 9 9114 9447

PEDAÇOS

J. CARLOS GROSSI

Foi assim que aconteceu: encontraram o morto num dia qualquer. Chamaram o agente funerário para recolher e

sepultar o corpo, mas o corpo havia sumido. Então os vizinhos disseram que uma fada levou o corpo. Pode ser, mas ela se esqueceu de também levar a alma. Então o taxi-

dermista Clodomiro se tornou uma alma esquecida. Mas não uma alma perdida. Alma que mora na casa que foi seu mundo. Agora vive cantando singelos versos para ter mais o que fazer e que se repetem dia-após-dia: Voa-me doce fada / voa-me das alucinações e das tempestades / leva-me aos delírios...

Já lhe roubei versos, é verdade. Mas como fantasmas não possuem versos, digo comigo que nunca lhe roubei nada. Que o vento é que me traz...

Fantasmas são pessoas e coisas que um dia fizeram parte de nossa história e foram esquecidas por velhice, abandono ou morte. Mas que ainda nos visitam muitas vezes. Que em momentos se tornam quase reais, es-

tao ao lado e nos fazem companhia. E Clodomiro é um desses pedaços de memória que guardo comigo.

Sempre o vejo com seu estimado esquilo Rodolfo que também é fantasma. Que entra por um ouvido e sai pelo outro. Esconde-se no decote da camisa depois aparece fazendo fusquinha. E nunca se cansa de passear por todo o vaporoso corpo. Desaparece e aparece numa brincadeira sem fim, com seu lindo sorriso de gato.

Clodomiro me acena da janela da casa que já não existe. O tempo a demoliu impiedosamente com chuvas, sóis e pica-retas. Tornando-a uma imaginária casa. Uma casa do tempo ou apenas as memórias de uma casa na rua Direita... E

passeia pela cidade. É interessante ver borboletas e libélulas rodearem seu corpo e raposas e cães o acompanharem flutuando. Mas as pessoas não se incomodam porque não os notam. Nem ouvem a canção. E sua canção é doce e os pássaros a cantam.

Nesta cidade moram fantasmas de todas as manias. Mulher Dulce com sombrinha rendada desfilando elegâncias no jardim; o sapateiro Ico que à tarde pesca bagres encantados; o Bertinho que acena da escada subindo ao céu e o senhorzinho anedotário Zé Gonçalves inventando verdades no posto do Maé.

Sempre necessito de histórias para contar. Então saio e caminho sem destino. Na padaria do Tônico peço pães, me

enamoro do bolo de fubá arredondado com uma camada rala de açúcar e do maravilhoso bom-bocado dos anjos. Pago com moedas e volto para casa com minha visível deslegância e saudade dos muitos anos passados. Tudo que vi valeria um invejável conto e um poema de fantásticos versos. Mas os olhos embaçam e os dedos tremulam...

Fantasmas são pessoas esquecidas, abandonadas, despercebidas ou ignoradas. Envelhecidas de histórias não contadas. Pedaços de memória deixadas pelo caminho. Então descubro que também ando perdendo meus pedaços...

Digo-lhe: tenha um bom dia! Aceno para o esquilo e me alegro com o alvoroço que o caracol de baba azul me faz.



VOCÊ GOSTARIA DE SER MUITO RICO?

JOSÉ ANTONIO ZECHIN

Acredito que 99,9% das pessoas responderão que sim. Claro, dinheiro resolve muitos problemas. Mas, resolve tudo? Não, não resolve. Problemas pessoais — aqueles ligados a questões sentimentais e emocionais — são muito difíceis de serem resolvidos só

com dinheiro. Ajuda, mas não resolve.

Bom lembrar que naqueles antigos tempos de Adão e Eva no Paraíso não havia dinheiro. E todo mundo era feliz, pelo menos os dois, né! Ninguém sabe dizer ao certo quando surgiram as primeiras moedas no mundo. Os estudiosos dizem que antes de tudo ocorreu o escambo, aquela forma anti-

ga (mas ainda existente) de trocar produtos. Há dois ou três milênios. Depois evoluiu para pedras e outros objetos. Não sei se está sabendo, mas vem aí a moeda digital. Dizem também que os primeiros bancos surgiram na Itália, lá por volta dos anos 1400. Daí começaram os depósitos e empréstimos, afinal de contas, dinheiro precisa render, né! Só para saber,

o primeiro por aqui foi o Banco do Brasil, fundado em 1808. Segundo pesquisei, hoje existem 163 moedas oficiais no mundo. As mais valorizadas e conhecidas, claro, o dólar, o euro e a libra esterlina. Enfim, acabei mudando de assunto.

Na verdade, não!... Apenas para dizer que, desde Adão e Eva, a humanidade está tentando ser feliz. Com ou sem dinheiro...



MONTE SIÃO DE OUTRAS ERAS

Neste espaço o JMS publicará, mensalmente, textos de antigos colaboradores.

O AVIÃO VERMELHO

UGO LABEGALINI

Pela manhã, ainda escura, saíam: o pai, com três enxadas sobre os ombros; a mãe, carre-

gando nos braços o netinho que mamava no peito e depois dormia embaixo dos pés de café. Lá atrás, o irmão mais velho levava no bernal

alguma comida preparada na madrugada com o que se tinha. Na morada de barrote ficava a irmã, também mais velha, cuidando da casa e de mim, ainda criança. Pai, mãe e filho labutavam de cedo à tarde puxando enxada na pequena lavoura de café recebida de herança. O pai sempre levava vantagem saindo na frente com a sua tarefa para depois poder ajudar a mãe apreensiva pelo bebê exposto às cobras e insetos, ao dormir sobre alguns panos à sombra das árvores. Meu irmão, rapazote, com uma enxada dava o que tinha para deitar o mato que encontrava pela frente. Após o meio-dia, a irmã fechava a casa, enchia uma garrafa de café, tampava com um “tucho” feito de palha de milho seco, catava uns pedaços de pão - quando tinha - e algumas laranjas do quintal. Me dava a mão e saíamos levar o café aos capinadores. Uma tarde, agrupados

na lavoura, um grande espanto. Um ronco forte e esquisito parecendo vir do céu, se aproximando a cada segundo. Sem demora, num piscar de olhos, passou rastejante próximo a nós, um maldito avião monomotor, inteirinho vermelho, pregando susto e espatifando as folhas secas que cobriam o chão e levantando poeira. Com a zoadinha do vermelho, eu criança e caipira, atordoado não sabia se corria para cima ou para baixo. Desesperado, o jeito foi agarrar forte na saia da mãe e quem dizia de largar. Era só choro e gritos enquanto eles procuravam me acalmar.

-Bastiana, chegando em casa, lembrar de apagar três brasas na água e fazer o menino beber para cortar o susto, ordenou o pai Batis-ta. Serenados os ânimos com o ronco do bicho sumindo no espaço, o pai com as duas mãos na ponta do cabo da enxa-

da, apoiando o queixo comentou:

-Os mais antigos sempre disseram que avião vermelho é sinal de guerra, vamos pedir a Deus que nada disso aconteça. A mãe trêmula e ainda assustada com o acontecido, respondeu: - Nossa Senhora, nem diga uma coisa dessas. Se estourar uma guerra será uma desgraça, ela só serve para matar inocentes e nossas crianças...

Os anos foram passando e para o nosso

bem e de todos nada disso aconteceu. Permanecemos na pequena morada por mais algum tempo, até quando o pai resolveu nos arrastar para a cidade em busca de escolas para os filhos e de melhores dias.

Décadas se passaram e infelizmente pai, mãe e irmãos mais velhos se foram. Nunca mais vi avião vermelho. Vejo constantemente, através de jornais e TVs, aviões com variadas cores, fazendo guerras, despejando bombas, matando inocentes e crianças.



EXPEDIENTE

ENTIDADE MANTENEDORA: Fundação Cultural Pascoal Andreta

Fundador – Antonio Marcello da Silva

Diretores – Antônio Marcello da Silva (1958-1962); Pascoal Andreta (1962-1972); Ugo Labegalini (1972-2012); Ivan Mariano Silva (2012 - 2020) e Alessandra Mariano (2020 -)

Conselho Administrativo – Alessandra Mariano Silva Martins, Bernardo de Oliveira Bernardi, Danilo Zucato Robert, Jaime Gottardello, José Carlos Grossi e Matheus Zucato Robert.

Diagramação – Matheus Zucato Robert

Fotografia – José Cláudio Faraco

Direção financeira – Charles Cétolo

Secretário de Redação – José Carlos Grossi

Jornalista responsável – Simone Travagin Labegalini (MTb 3304 – PR)

Colaboradores – Ariovaldo Guireli, Arlindo Bellini, Antonio Edmar Guireli, Antonio Marcello da Silva (in memorian), Bernardo de Oliveira Bernardi, Bruno Labegalini, Danilo Zucato Robert, Durval Tavares, Eraldo Humberto Monteiro, Ismael Rielli, Ison João Mariano Silva (in memorian), Ivan Mariano Silva (in memorian), Jaime Gottardello, José Alaércio Zamuner, José Antonio Andreta (in memorian), José Antonio Zechin, José Ayrtton Labegalini, José Carlos Grossi, José Cláudio Faraco, Leonardo Labegalini, Lucas Provenzano, Luiz Antonio Genghini, Luis Fraccaroli, Matheus Zucato Robert, Ugo Labegalini (in memorian), Valdo Resende e Zeza Amaral (in memorian), Yoshiharu Endo.

Colaborações ocasionais serão apreciadas pelo Conselho Administrativo do jornal que julgará a conveniência da sua publicação. O texto deverá vir assinado e acompanhado do RG, endereço e telefone do autor, para eventual contato. Cartas enviadas à redação, para que sejam publicadas, deverão seguir as mesmas normas. Toda matéria deverá ser enviada até o dia 10 do mês (se possível através de e-mail) data em que o jornal é fechado.

Redação: Rua Maurício Zucato, 115 – Fone (35) 3465-2467

Monte Sião fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pelo censo de 2010, conta com 20 870 habitantes. Sua área é de 292 km² e a altitude é de 850m. Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte Sião.

jornal.montesiao@fundacaopascoalandreta.com.br

ANIVERSARIANTES DO MÊS

Março de 2026

Dia 01	Dia 16
Mirian Guireli de Faria	Hetory Reis Canela
Ellen Fernanda M. da Costa	Renato Parreira
Dia 02	Dia 17
Pedro Artur Ribeiro	Lídia Aparecida Bossi Veloso
Marco A. Zucato Guireli	Laíse Barbosa de Souza
Luciano Gomes da Silva	Elza Bernardi G. Santos
Idione Fonseca Righete	Clarysdele Canela Bueno
Mary Eulália C. Barbosa	Ygor Fávero Nobrega
Wilian Augusto de Paula	Dia 18
Priscila de Castro Guarini	Sarita Gotardelo de Oliveira
Dia 03	José Carlos Bonassa
Vicente de Paulo Andreta	Cristiane Labegalini
Francisco Tadeu da Costa	Flávia Gottardello Silva
Bruno Labegalini de Castro	Dia 19
Jéferson Bueno	Danieli Comune Faria
Augusto César Pereira	Bianca Pennacchi
Dia 04	Josefina Comune Mendonça
Elvira Leandro Pereira	Izis Rayara Queiroz
Jeruza Renzo	Dia 20
Wilma Maria Rodrigues	Cláudia Regina Renção
Elaine de Lima	Letícia Daldosso Labegalini
Maria Luiza G. Comune	José de Paula Domingues
Dia 05	Cláudio Labigalini
Mariana S. Andreta	Dia 21
Joseli Vicentina da Silva	Fátima Cristina Gaspardi
Luciana Maria Pereira	Alcides Brunialti Jr.
Dia 06	Dia 22
Gustavo Valentim Rejani	Marília de Souza Santos
José Armelím	Guilherme Laira Grossi
Wander Franco Bueno	André Costa P. Grossi
Dia 8	Dia 23
Alexandre Pedroso	José Oscar Takahashi
Luiz Aparecido da Silva	Lívia Belinato Fonseca
Solange Ap. B. Domingues	Dia 24
Dia 9	Michele Silva Artuso
Luís Felipe de Castro Ribeiro	Lara Pieroni
Rodrigo Zucato	Cesarina dos Santos
Dia 10	Eliana Ap. Otaviano
Giselle P. Guireli	Guilherme Pereira Zucato
Therezinha Parlato Labegalini	Dia 25
Bruno Silveira Andreta	Felipe Trindade Diniz
Dia 11	Roselene S. Gottardello
Ana Beatriz Araújo	Alcina Maria Otaviano
Henrique B. da Fonseca	Dia 26
Thiago Labegalini	Sérgio Luiz Bueno
Elaine Cristina C. Freire	Maria Cristina Gottardello
Dia 12	Ana Paula Gaspardi
Nicholas Gottardello Fonseca	José Marcos de Souza
Eliana Fumuka U. Gatolini	Dia 27
Carlos Eduardo Barbosa	Anderson Batista de Faria
Tiago Lino	Ariovaldo Guireli
Andreza Augusto	Fernanda Emerick de Souza
Carolina N. Simões	Dia 28
Dia 13	Daniela Godoi Zucato
Juliano Armelin	Simone Simões Cardoso
Dia 14	Benedito Pereira Pinto
Edson W. Pereira Zaroni	Dia 29
Amaranta Guireli	Marice Leandro Zucato
Ana Paula V. Labegalini	Carlos Antonio Rezende
Dia 15	Márcio Giglio Zucato
Camila Franco de Moraes	Aparecida Vilela
Fabrcício Guarini	Dia 30
Neuza Godoi Albino	José Antonio Pereira
Greyc Daila R. dos Reis	Joseli da Costa Pereira
	Silvana M. Bernardi
	Dia 31
	Heloise Correa Constantino
	Pedro César Galbiati
	Leila Maciel Pereira.

A todos, as felicitações da Redação!

ANIVESÁRIO DA CIDADE

Em 29 de março, Monte Sião completará 177 anos de sua Fundação. Continua uma cidade bonita, pequena, pacata e com muitas opções de turismo e lazer, além da Indústria Malharista, da Agricultura, da Pecuária e da Porcelana. Visite Monte Sião e volte sempre! Parabéns a Monte Sião e sua gente!

COMEMORAÇÕES

Além da 39ª Festa do Peão, haverá programação musical e cultural nos locais de costume. Compareçam, prestigiem, divirtam-se!

E, AS CHUVAS CONTINUAM FORTES...

Parecendo querer desafiar o poder público e a vontade das pessoas, o “tempo” tem despejado toneis de água sobre as cidades, especialmente as do sul de Minas, causando consideráveis

prejuízos à malha viária (estradas, avenidas, ruas, caminhos), acompanhadas de enchentes que têm tirado o sono e a paz das pessoas. Pois é!

SEGURANÇA

Sou do tempo em que as casas “dormiam” com as portas destrancadas e ninguém tinha medo. Atualmente, são instaladas grades, sistemas de alarme, circuitos de câmeras, as portas são trancadas como cofres, mantemos cachorros bravos e, ainda assim, dormimos com medo. Sinais dos tempos!

HOMO DEUS

É o título de um dos livros de Yuval Noah Harari, que minha neta de 6 anos, em fase de alfabetização, se interessou. Calma, Helena, quando você estiver com quatorze anos o Nonno explica, e, então, você irá lê-lo. Entretanto, desde já, recomendo aos nossos leitores!

PROFETAS E REIS NA BABILÔNIA DE NEON

A editora Mondru, de Goiânia (2025) nos traz as viagens literárias do jovem Matheus Zucato, fundamentadas em suas leituras (estudos) do mundo antigo, podemos dizer. Cada capítulo nos proporciona um mergulho naquilo que foi, é ou poderá ser temperado a gosto pelas palavras e pelos sentimentos de quem, aos poucos, vai se encontrando, no desenvolvimento do tempo e da leitura. Me pareceu que não é leitura para diversão, para matar o tempo. Pelo contrário, o livro convida o leitor à introspecção profunda, podendo levar até à reconsideração e ao reposicionamento em relação à vida e aos seus valores. Matheus, minhas viagens de metrô ficaram muito mais recheadas de saberes e desafios... mais de uma vez eu passei da estação! Manda mais!

HAIKAI

Pediu chuva,
Chuva veio com força!
Então, pediu sol!

O Último Trem
Avisou e repetiu.
Não adiantou!

CANÇÕES DE MONTE SIÃO

Neste espaço o JMS publicará, mensalmente, letras de canções de músicos monte-sionenses.

BLOCO “AS LENDAS DO MORRO PELADO”

(cantando as lendas do Morro Pelado).

LETRA E MÚSICA: ZÉZÉ GUIRELLI

Participação de Claudinho e Marquinho)

Vivendo sob a sombra da caverna

Sem a influência externa

De política ou religião

Adorando como deus uma serpente

Vivia essa nobre gente

Defendendo o morro do sião

Séculos e séculos se passaram

E em nada modificaram

Esta grande nação

E hoje descendo prá essa praça

Prá mostrar com toda graça

Que a lenda não é uma ilusão

Monte Sião a mãe de ouro aqui passou

Com a sua pedra mágica

O arco iris desenhou

Oh! que beleza

Com a sua carruagem

Uma bengala de mármore

Isto não foi miragem

ACM

ADRIANO - CHARLES - MAURICE

CONTABILIDADE

(35) 3465-1635
3465-4404

R. Juscelino K. de Oliveira, 1102 - Centro - Monte Sião |MG

PORCELANA MONTE SIÃO

BIBELÔS EM GERAL – CANECAS PARA CHOPP
VASOS – CINZEIROS PARA BRINDES, ETC.

A única que produz PORCELANA AZUL e BRANCA no Brasil

AGRADECEMOS SUA VISITA

Rua Sete de Setembro - Tel.: (35) 3465-1117 - Monte Sião - MG

TELESON TELECOM

A melhor internet do
Circuito das Águas Paulista

Águas de Lindoia: (19) 3824-3671
Monte Sião: (35) 3465-4963
WhatsApp: (19) 99773-1001

Laboratório de Análises Clínicas Bioanálise

Bioquímico: Ferdinando Righetto

● Teste do Pezinho ampliado

● Credenciamento com os Laboratórios:

GENOMIC (Teste de DNA) - CRIESP e SAE (São Paulo)

HERMES PARDINI (Belo Horizonte)

Rua do Mercado, 866 - Tel (35) 3465-1714 - Centro - Monte Sião/MG

Nossos avós já compravam na

Loja do Plácido

A mais antiga da cidade - Desde 1922

TECIDOS - CALÇADOS - CONFECÇÕES - CAMA - MESA - BANHO

Rua Presidente Tancredo Neves, 194

Fone: 3465-1144

SEBO DO ISMAEL

Livros, revistas, LPs, CDs, DVDs, VHS, Fitas K7,
Aparelhos eletrônicos, Antiquário

Praça Cavalinho Branco – 410 – Águas de Lindoia – SP
Telefone: (19) 3824-1507 WhatsApp: (19) 99343-9180